

---

---

# Documentação & vária

---

---

## APRESENTAÇÃO DA “ANTOLOGIA POÉTICA” DE JOÃO PENHA\*

JOSÉ VIALE MOUTINHO

139

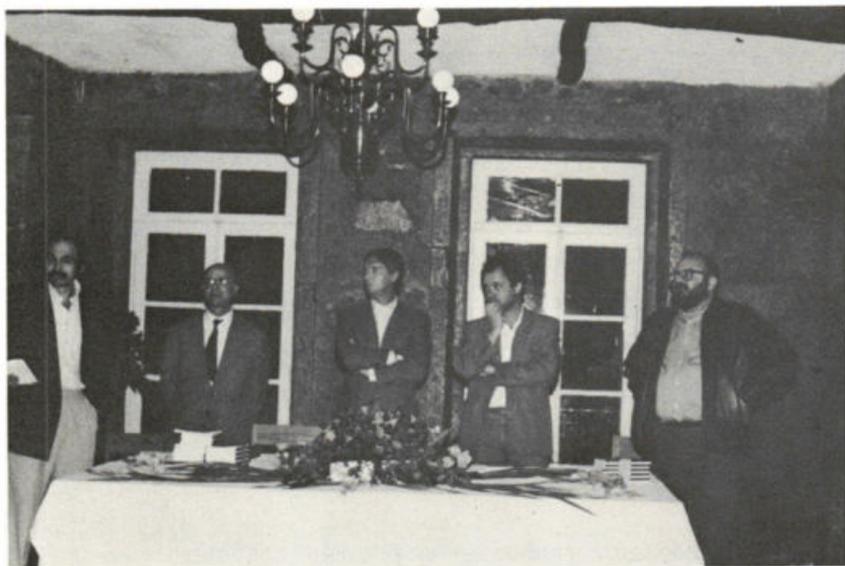
Muito boa tarde, minhas senhoras e meus senhores, venho confessar-lhes as minhas dúvidas acerca de apresentação de uma obra como esta.

- Deverei falar de quem?
- De João Penha, o poeta cujas obras foram examinadas com todo o rigor requerido à feitura de uma antologia?

---

\* Texto lido na sessão de apresentação de “Antologia Poética” de João Penha (edição da Biblioteca Pública de Braga) realizada na Cooperativa Novos Pioneiros no dia 12 de Outubro de 1990

- De Francisco Duarte Mangas, que é quem teve esse trabalho e de quem os conhecedores da obra de João Penha sempre dirão que ele se esqueceu daquele poema fundamental e, em contrapartida, deixou passar aqueloutro, por sinal fraquíssimo?
- Devo falar dos versos de João Penha, como se o Francisco Duarte Mangas não o tivesse feito no prefácio?
- Devo falar de Francisco Duarte Mangas, como se o Henrique Barreto Nunes também o não tivesse feito no ante-prefácio?



140

Apresentação da "Antologia Poética de João Penha", na Cooperativa Novos Pioneiros. Na fotografia, da esquerda para a direita: H. B. Nunes (BPB), Augusto Ferreira (Liv. Minho), Loureiro de Amorim (presidente dos Novos Pioneiros), Francisco D. Mangas (autor da antologia) e José Viale Moutinho, que apresentou a obra

- Devo, talvez, pôr-me para aqui a dizer afinal o quê, na verdade cabendo-me o papel de estimular a vossa boa vontade no sentido de abrirem um livro fechado, ainda a cheirar a tinta de impressão, intitulado ANTOLOGIA POÉTICA DE JOÃO PENHA.
- Devo, então, falar do poeta maior do presunto, do vinho, das trutas e das bailarinas espanholas?
- Então João Penha não é bem mais do que isso? Um parnasiano chamado João Penha é o quê? E, na verdade, ele era parnasiano?

Esse busto que está aí num jardimzinho desta cidade comemora semelhante poeta? Ou servirá antes para celebrar uns quantos cartapácios jurídicos de que ele é também autor? Bem, isto seria quase dizer que o mamarracho que em Mogadouro celebra Trindade Coelho ali consta para que se não perca da memória dos portugueses o talento com que ele escreveu obras tão amáveis como o Código Civil Anotado e os Recursos em Processo Penal.

E, depois, supondo que sabem, o Francisco Duarte Mangas tem a seu favor o talento de ser poeta com um par de obras publicadas: CAVALO DENTRO DA CABEÇA e ESPÉCIES CINEGÉTICAS.

Se João Penha tivesse feito escola, se o seu humor fosse esse que vem de Gil Vicente a Tolentino, passando, entretanto, pelo Abade de Jazente, batendo ao postigo de Faustino Xavier de Novais e desaguasse em O'Neill, ainda era capaz de forçar a nota e dizer que "esse rapaz Penha Fortuna", como lhe chamava Camilo, e este Chico Mangas, como lhe chamo eu, são parentes. Mas não será disso que se passa.

Quem é este João Penha cuja poesia acaba de ser esquadrinhada, seleccionada e publicada no que melhor tem a dizer-nos? Bracarense, tardiamente formado em Ciências Jurídicas em Coimbra, pelo ano de 1868 barricou-se poeticamente n'A FOLHA, o seu "microcosmo literário", como ele chamava à revista que então publicou, e seis vezes morreu e cinco ressuscitou, e em que os versos de Penha ombreavam com o rapaz Junqueiro, Gonçalves Crespo e afins. Por essa altura, Camilo recusava-se publicar demasiados versos na GAZETA LITERÁRIA DO PORTO. Pouco antes, Eça escrevera a Penha recomendando-lhe a leitura de uns franceses que colaboravam no LE PARNASSE CONTEMPORAIN. Verlaine, Jose Maria de Heredia, François Coppée eram alguns desses parnasianos. Mas se é de ir buscar o nome do movimento ao título da revista, então teríamos o *folhismo*, já que o espírito eclético de A FOLHA venceu mais os seus colaboradores do que a leitura dos franceses. Aliás, talvez Eça tenha sido um pouco atrasado ao anunciar a boa nova dos franceses a Penha. O nosso poeta bracarense, apesar de nunca ter avançado na Metrópole além de Coimbra, onde prolongava estadas por motivos académicos, era na verdade, um erudito, lia latinos em latim e recebia informações dos franceses quase como quem assina o

Magazine Litteraire nos nossos dias. Mas não terá tido a consciência de ter sido o primeiro parnasiano, assim como também não é líquido que se tenha efectivamente entusiasmado com os parnasianos franceses. E João Penha não fez escola, valerá para aqui dizê-lo. Os seus versos são inimitáveis, inclusivé por razões de segurança literária dos seus próprios possíveis discípulos. Penha sempre quis manter A FOLHA equidistante dos movimentos, mas com que independência o fez? Com a mais fácil, com o deixar a prosa teórica para as aberturas das séries, ironizando em cada número ao redigir o expediente. Já na REPÚBLICA DAS LETRAS, revista que mais tarde fundou e pouco demorou a sumir-se, adoptou a seriedade composta de um teórico. Mas de pouco lhe valeu.

- Aquiete-se, meu caro público, não vou perorar literariamente além do bastante. Afinal estamos aqui na atitude congratulatória de cristos e outros em torno do fêretro poético de Penha. O sentido comum das nossas palavras é: *Levanta-te e anda*. E esta antologia poética de João Penha passará a andar de mão em mão, depois de todos estes poemas terem estado na situação de morte aparente.
- Por isso devemos atribuir ao Francisco Duarte Mangas a medalha do nosso agradecimento. E levamos a ANTOLOGIA POÉTICA DE JOÃO PENHA para a nossa mesa de cabeceira.
- Mas gostaria de vos lembrar alguma coisa penhamente interessante. Por exemplo, que este livro deve ser uma chamada de atenção para a edição das obras completas de João Penha. Não só juntar os seus livros, como ele o fez, como corrigir, através dos manuscritos organizados pelo autor, as colectâneas póstumas da sua obra. Nem sequer seria muito complicado. Depois a sua prosa, nem toda recolhida em livro. Mesmo confiar a especialista a sua obra de jurista. Finalmente, uma pesquisa em espólios de modo a poder vir a público a sua curiosíssima correspondência.
- Para este último caso, muito interessante seria, como disse, examinar o espólio de Antero de Figueiredo, escritor que admirava João Penha e sempre se disponibilizava a tratar-se da colocação dos manuscritos nos editores, com a preocupação de obter vantagens económicas para o poeta. E há inéditos, poemas e cartas

de João Penha e boas informações com importância, quanto mais não seja, para a sociologia da literatura.

A título de exemplo, numa carta de Antero de Figueiredo anoto: "O mercado de livros portugueses é mau e sendo de livros de versos é péssimo! Eu que já lhe consegui duas edições e uma delas muito bem paga (relativamente a outros) encontro desta vez mais dificuldades. Já bati a várias portas. Nada." Nesta carta, que é de Abril de 1914, fala de um editor a que se não pode dirigir indicando-o: "É o mais pulha dos editores portugueses, embora seja o mais hábil." Noutra de Junho de 1897, vemos as claras condições de um contrato entre autor e editor: "Parece-me que lhe arranjei um bom negócio: o Manuel Gomes – o Gomes do Chiado – faz a edição nestas condições: 1 – a edição será de 1100 exemplares inteiramente igual à das "Rimas"; 2 – dará pelo original 100\$00 rs que pagará até ao fim do ano. 3 – o livro será publicado por todo o inverno próximo. 4 – daqueles 1100 exemplares sairão 25 para o autor e mais 1 em papel especial, pois que o editor fará uma tiragem especial de 20 exemplares (dentro dos 1100). 5 – o editor encarrega-se das ofertas à imprensa. Parece-me que isto lhe deve agradar atendendo às más circunstâncias em que se encontra o mercado livreiro entre nós." E a carta continua: "O Gomes não é homem com que a gente se entenda facilmente e por isso, desde já o previno, se aceitar esta proposta poderá exigir-lhe qualquer fiscalização, tal como serem numerados e assinados os exemplares (...). Também lhe pode exigir o pagamento dos 100\$00 rs no acto da entrega do manuscrito.

143

Mas numa outra carta de Junho de 1897, Antero conta a João Penha: "Os livreiros quase que não comprem originais – o comum é mandarem imprimir o livro e depois, tiradas as despesas (composição, impressão, papel, comissões e reclames) repartem igualmente os lucros com o autor. Ora isto não convém ao meu amigo, ou melhor, o meu querido poeta não no deve estar nestes casos". Literalmente, Antero de Figueiredo sabia quem lia Penha, isso lho deixa claro numa carta de 23 de Setembro de 1897: "... o seu público que é pequeno e culto..."

No aspecto biográfico, há uma carta de Abril de 1914, em que Antero escreve a Penha: "Ontem na Academia conversei com o Teixeira de Queiroz, e disse-lhe o pouco que rende em Braga a sua

advocacia. Disse-me o Teixeira de Queiroz que ele e o Bernardino Machado lhe arranjarão já o que o meu amigo quiser, mas é preciso saber o que há-de ser. Diga-me se há em Braga algum lugar que lhe convenha, pois nunca a ocasião foi tão boa como agora". Recorde-se que nesta altura Bernardino Machado era chefe do Ministério. Não se deu para averiguar o resultado desta diligência com fartas possibilidades de êxito, mas pelo que co-nheço do nosso poeta, é de crer que nada tenha querido, salvo um lugar de delegado do ministério público no Tribunal do Quarto Minguante, sediado duas portas aquém de uma confeitaria. Ele era assim, apesar de Júlio Brandão o acusar de abusar "de coisas acentuadamente anti-líricas". E disse confeitaria usando a informação do autor de A FARMÁCIA PIRES: "Mais tarde falei-lhe, numa confeitaria da rua de S. Marcos, que ele frequentava. O seu traje era ainda primoroso; brincava às vezes com o monóculo e tomava cerveja, que substituía o velho copo da tia Camela", a célebre taberneira coimbrã.

- E agora Braga tem-no ali, no tal jardim, a cabeça de bronze sobre um plinto, como se se tratasse de um João Baptista infinitamente pesado e não de um poeta que se chama João Penha. Um poeta que supunhamos morto e acaba de ressuscitar. E bem merece de Braga e do país algo mais interessante do que aquele busto, quase encoberto por cabines telefónicas! E os bracarenses têm-no aqui, neste livro.
- O Francisco Duarte Mangas, ao fazer esta analogia, previne-nos disso, meus caros bracarenses. À vossa imaginação fica a responsabilidade de complementar o epíteto de Braga como 'cidade dos arcebispos' como a 'pátria de João Penha'. Mas decerto que para tanto será preciso fazer mais do que aproveitar uma simples circunstância editorial.
- Importa assumir João Penha desde os seus versos carregados de anti-lirismos – como o presunto, a truta, o vinho, o paio e outros alimentos – às manifestações de amores sensuais em que as bailarinas espanholas assumem o paradigma de Afrodites consoladoras dos momentos de um celibatário militante, ao que se diz, bem pouco ortodoxo quanto à praxis.
- Bem, resta-me dizer-lhes que é uma pena não podermos desde já

erguer um copo de verde diante do fantasma de João Penha que neste salão decerto pairará, agradado e surpreendido de ver que esta iniciativa editorial que o envolve não está restrita a mais uma diligência do seu amigo Antero de Figueiredo. E finalmente são os da sua terra que dele se lembraram. E é possível que hoje, pela meia-noite bracarense, cada um dos presentes seja visitado por ele, a murmurar, agradecido, novos versos póstumos.

Assim , minhas senhoras e meus senhores, tenham muito boa noite. (Mas não se esqueçam de deixar uma merenda na mezinha de cabeceira para o caso do fantasma persistir nas tais coisas "acentuadamente anti-líricas"...).